

Sociedade

Os protestos por Gaza entram na sala de aula e alguns professores até o estimulam

Samuel Silva

Conflito na Palestina “ressou nos sentimentos” dos jovens de que as “instituições estão a falhar e que não os representam”

Ao longo desta semana, protestos nas universidades do Porto, Coimbra e, sobretudo, em Lisboa, mostraram estudantes do ensino superior comprometidos com a denúncia da devastação que seis meses de ofensiva de Israel vêm causando na Faixa de Gaza. Com manifestações à porta das faculdades, o assunto também entra nas salas de aulas. Alguns professores até o estimulam: é uma forma de entenderem o que mobiliza estes jovens.

Quando chegou à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, onde dá aulas, na terça-feira, Mariana Gaio Alves encontrou o *hall* do edifício ocupado por estudantes. Havia tendas de campismo montadas no interior e muitos cartazes. Numa situação como esta, “o assunto é tema de conversa, naturalmente”, começa por dizer esta professora de Sociologia da Educação. Mas não é apenas uma conversa de circunstância. Em protestos anteriores, como os do clima no ano passado, que também tiveram naquela faculdade um dos epicentros, a manifestação foi discutida em sala de aula.

“Penso que faz todo o sentido que assim seja e fui eu que o promovi”, explica a professora. A intenção era perceber como é que os estudantes olham para as manifestações e outras formas de participação cívica, a sua posição sobre o tema – antes o clima, agora a Palestina – e as suas preocupações. “Os alunos são muitos sensíveis à questão climática, embora a maioria não concorde com esta forma de protesto”, afirma Mariana Gaio Alves.

Carla Malafaia dá aulas na Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade do Porto. É responsável por uma disciplina de Educação, Redes Sociais e Polícia Visual no mestrado em Ciência de Educação, onde se discute o papel das redes sociais visuais, como o Instagram, nos movimentos sociais e políticos.

Nesse contexto, sugeriu aos seus alunos que fossem para as ruas acompanhar os movimentos sociais. “Foi intencional. Quero que os estudantes aprendam que a educação não se faz só nas instituições formais de ensino”, contextualiza. Os resultados desse trabalho dos alunos



Estudantes ocuparam entrada da Faculdade de Psicologia de Lisboa durante quase toda a semana

fazem-na concluir que os estudantes “querem discutir” temas como a Palestina, o clima ou a habitação. “E querem que isto seja claramente trazido para as aulas”.

Ligações transnacionais

A solidariedade com a Palestina demonstrada pelos estudantes portugueses vem no seguimento de protestos semelhantes, que começaram nos EUA e se estenderam a outros países europeus nas últimas semanas. Há, neste contexto, um papel claro das redes sociais enquanto canal de comunicação entre jovens, capaz de

criar uma “ligação pragmática e emocional” entre activistas, defende Carla Malafaia – que é responsável pelo subprojecto português de uma investigação sobre cidadania juvenil através da participação visual, financiado pelo European Reserach Council.

As redes sociais são “uma ferramenta eficaz” que “potencia ligações transnacionais e cria um repertório de acção”. Por isso é que as acções desta semana nas principais cidades nacionais foram protestos sentados (*sit-ins*) e acampamentos, comuns em protestos norte-americanos.

Os protestos juvenis colocam a

“ênfase na visualidade *online*”, o que “traz maior sentido de poder e maior margem” para serem eles a definir “as histórias que querem contar”, explica ainda a investigadora.

Outra característica destes protestos a favor de Gaza é a presença de palavras de ordem sobre outras lutas contemporâneas. A ocupação da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa foi promovida por activistas do movimento climático. Carla Malafaia põe em perspectiva esta realidade: “Esta geração experiênciava uma conjugação de crises (a climática, a habitacional) que cria a

noção de que a sua existência individual e colectiva está em grande risco.” O conflito na Palestina “ressou nesses sentimentos” de que as “instituições estão a falhar e que não os representam”. Por isso, há uma “intersecção de lutas muito clara”.

Esta interseccionalidade “não é uma realidade nova” nas lutas juvenis, defende o sociólogo Vítor Sérgio Ferreira, do Observatório Permanente da Juventude. Inquéritos no final dos anos 1990 e nos primeiros anos dos 2000 mostravam que os que participavam nos movimentos sociais – luta ambiental ao anti-racismo – eram muitas vezes os mesmos. “Quem participava, participava em muitas coisas”, sintetiza o investigador. Hoje em dia, a base de muitos dos protestos dos jovens tem o capitalismo neoliberal como alvo. É este o “inimigo comum” capaz de juntar as lutas pelo clima, a habitação e também a Palestina.

Os protestos desta semana tiveram pouco impacto na normalidade da vida universitária. Em Lisboa, principal foco da contestação, as aulas decorreram normalmente. “Não houve notícia de perturbações lectivas”, segundo Mariana Barbosa, que dirige a Federação Académica de Lisboa.

Em Coimbra, os estudantes fizeram uma assentada, durante seis horas, no Largo D. Dinis na terça-feira. “Em espaço público e sem impacto nas aulas”, refere fonte da reitoria da Universidade de Coimbra.

No dia seguinte, decorreu um protesto de características semelhantes em frente à reitoria da Universidade do Porto. Mais uma vez, uma manifestação sem impacto no dia-a-dia lectivo.

Lisboa

Estudantes foram constituídos arguidos por desobediência civil

Foram libertados os oito estudantes detidos na noite de quinta-feira durante os protestos pró-Palestina na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Os manifestantes passaram a noite nas instalações da polícia e foram constituídos arguidos pelo crime de desobediência civil, por terem permanecido no interior da faculdade após a ordem de retirada.

Os estudantes deveriam ter sido presentes a tribunal ontem, mas a greve dos funcionários judiciais impediu-o. Na quinta-feira à noite, assim que saíram os últimos estudan-

tes de forma voluntária das instalações da faculdade, “a polícia fez um último aviso, a partir do qual começariam a usar a força”, contou ao PÚBLICO uma das estudantes detidas. “Resistimos passivamente, fomos separados e levados para o pátio da faculdade, encostados à parede, revistados e algemados.”

O Comando Metropolitano de Lisboa da PSP confirmou que os oito estudantes, com idades entre os 19 e 28 anos, foram detidos “por serem suspeitos da prática do crime de desobediência” civil, depois de se terem

“recusado a sair pelos seus próprios meios” do interior das instalações. Os jovens passaram a madrugada na esquadra dos Olivais e no Comando Metropolitano, sem que fossem interrogados. Após vários pedidos, foi autorizado o diálogo com a advogada.



Universidade de Lisboa alega que houve “preocupantes situações de destruição do património”

Catarina Bio, porta-voz do grupo, diz que a direcção da FPUL tinha garantido que não chamaria as autoridades para os dispersar se as manifestações não prejudicassem o funcionamento das aulas. Os estudantes garantem que as aulas não foram afectadas. A reitoria da Universidade de Lisboa alegou que as autoridades foram chamadas depois de “preocupantes situações de destruição do património, grafiteagem e ameaça à segurança através da eliminação e arrombamento de fechaduras”, que os jovens detidos garantem desconhecer. A.I.R. e C.A.